

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Popular, a memoir: vintage wisdom for a modern geek*  
Autora: *Maya Van Wagenen*

Copyright © 2014 by Maya Van Wagenen  
Introdução © 2014 by Betty Cornell Huston  
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Cristina Carvalho*  
Imagem da capa: *Shutterstock*  
Capa: *Sofia Ramos / Editorial Presença*  
Composição: *Miguel Trindade*  
Impressão e acabamento: *Multitipo - Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 395 331/15  
1.ª edição, Lisboa, agosto, 2015

Reservados todos os direitos  
para Portugal à  
EDITORIAL PRESENÇA  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena  
info@presenca.pt  
www.presenca.pt

# ÍNDICE

.....

<b>INTRODUÇÃO, POR BETTY CORNELL</b> .....	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<i>(ou como tudo isto veio a acontecer)</i>	
<b>SETEMBRO</b> .....	<b>15</b>
<i>Problemas com a figura</i>	
<b>OUTUBRO</b> .....	<b>46</b>
<i>Cabelo</i>	
<b>NOVEMBRO</b> .....	<b>76</b>
<i>Truques de modelo</i>	
<b>DEZEMBRO</b> .....	<b>100</b>
<i>Problemas de pele &amp; Maquilhagem</i>	
<b>JANEIRO</b> .....	<b>127</b>
<i>Roupa &amp; O que usar onde</i>	
<b>FEVEREIRO</b> .....	<b>155</b>
<i>Boa apresentação &amp; Longe de casa</i>	
<b>MARÇO</b> .....	<b>175</b>
<i>Dinheiro (como ganhar algum extra) &amp; No trabalho</i>	
<b>ABRIL</b> .....	<b>199</b>
<i>Atitude popular: Parecer bonita – ser bonita; És tímida? &amp; Personalidade</i>	
<b>MAIO</b> .....	<b>240</b>
<i>Saída a dois &amp; Sê anfitriã</i>	
<b>EPÍLOGO</b> .....	<b>296</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> ..	<b>299</b>



*Hoje, as coisas são diferentes. Ando pela cidade e vejo cabelos em várias tonalidades de azul e de rosa — e as modas são mais reveladoras. Embora já tenha visto passar muitas tendências que são consideravelmente menos discretas do que o que eu usava quando era jovem, estou viva há tempo suficiente para reconhecer que uma parte substantiva da moda consiste em forçar os limites do passado. É interessante constatar que, por muito que as coisas mudem, a motivação de fundo para suplantarmos a geração anterior continua a ser claramente a mesma, igual ao que era quando escrevi o meu livro. Para mim, é reconfortante saber que, apesar de eu já não ter um lugar de destaque no mundo da moda, o objetivo final continua a ser o mesmo, ainda que o produto seja diferente.*

*As recordações mais nítidas que tenho da publicação do meu livro são de como me sentia muito lisonjeada quando recebia cartas de adolescentes que me diziam ter aprendido imenso com a sua leitura. Contavam-me acerca das suas roupas, dos seus penteados, das festas — eu adorava ter notícias delas.*

*No entanto, fui surpreendida por outra carta que o livro me trouxe muitos anos mais tarde. Desta vez, era uma carta que chegava por e-mail, e veio a revelar-se a mais tocante e profunda de todas. Foi enviada por Maya Van Wagenen em abril de 2012 e dizia-me que eu tinha mudado a vida dela! Maya tinha usado o meu livro para obter dicas e pistas para lidar com os desafios com que se debatia na escola.*

*É admirável que ela tenha decidido seguir conselhos que eu escrevi há décadas e que os tenha aplicado ao mundo de hoje. Fiquei radiante por saber que o meu livro tinha passado o teste do tempo e que ainda ajudava adolescentes.*

*Quando acabei de ler o livro da Maya — este livro que estás agora prestes a ler também —, fui inundada por um turbilhão de sentimentos: orgulho, ternura, agradecimento e memórias felizes. Fiquei maravilhada por a Maya ter contado a história dela com tanto conhecimento, compostura e graciosidade. Ao longo dos anos, tenho assistido à chegada e à partida de muitas tendências de moda e de boa apresentação e, em raros momentos, vi essas tendências regressarem anos mais tarde, com modificações que as ajustavam ao gosto da nova geração. Mas, quando escrevi o meu livro, nunca pensei que os conselhos que dei então viessem a ser relevantes sessenta anos mais tarde, pela mão de outra escritora mais nova.*

*Comecei a minha carreira como modelo e, depois, tive grande sucesso como autora. Maya Van Wagenen está a começar a carreira dela como autora, mas é já um modelo de coragem e de confiança para a geração dela e para as gerações futuras.*

*BETTY CORNELL*





## *Introdução*

*(ou como tudo isto veio a acontecer)*

NÃO SALTES ESTA PARTE.  
NÃO, A SÉRIO, NÃO SALTES ESTA PARTE

.....

«A escola é o sovaco da vida», disse-me um dia a minha melhor amiga, a Kenzie. Ámen. A minha escola não é exceção. Entrás pelas portas de vidro riscadas no primeiro dia de aulas e a vida transforma-se numa série de encontros brutais e dolorosos: seres chamada estúpida pelo colega que joga na equipa de futebol e que se senta ao teu lado na aula de ciências; estares no balneário, só de sutiã e cuecas de gola alta, em frente do cacifo que teima em não abrir, enquanto as outras raparigas se riem e apontam para ti; chorares na casa de banho porque não sabias que era possível o coração doer tanto. Há, porém, uma coisa que te pode ajudar a orientares-te nessa axila transpirada e malcheirosa: ter um entendimento claro de como a hierarquia social está organizada.

**A ESCALA DE POPULARIDADE  
DA MINHA ESCOLA**  
(dos patrícios aos plebeus)

10. Raparigas do Voleibol
9. Fação de Futebol Americano
8. Membros de Gangues Ricos (que incluem as Raparigas Mais Populares Que Se Vestem de Maneira Sedutora)
7. *Geeks* da Banda
6. *Geeks* do Coro
5. Miúdas Góticas
4. Raparigas Menos Populares Que Se Vestem de Maneira Sedutora
3. Adolescentes Grávidas (neste momento temos duas, uma do 7.º ano e outra do 8.º)
2. *Geeks* dos Computadores (não há quase nenhuns)
1. *Nerds* da Biblioteca (estão constantemente a ler e adoram banda desenhada japonesa)
0. Os Ignorados (alunos do 6.º ano)
- 1. Excluídos Sociais
- 2. Professores
- 3. Professores Substitutos

És categorizada pelos sítios que frequentas, e pelas pessoas com quem te associas (e pelas com quem não te associas). Eu faço parte do grupo dos Excluídos Sociais, o nível mais baixo das pessoas que estão na escola sem serem pagas para isso. Kenzie, minha grande amiga e confidente, acompanha-me nesta minha posição inferior,

## Introdução

com número abaixo de zero. Na maior parte do tempo, é uma existência sossegada, monótona e invisível. Isto é, até que alguém que pertença a um dos escalões acima do meu repare em mim e resolva fazer-me a vida negra.

Ora bem, como é que aqueles que estão no topo usam o sistema de classes para seu benefício?

Há artigos de revistas e livros de autoajuda sobre o que vestir, o que dizer, como se comportar e de quem ser amigo. Na verdade, muito antes de eu ter nascido, o meu pai comprou um livro numa loja de coisas em segunda mão. A capa de cores esbatidas estava velha e em mau estado, mas «tinha qualquer coisa de especial», contou-me ele. O meu pai foi virando as páginas até dar com o título: *Guia de Popularidade para Adolescentes de Betty Cornell*. Tinha sido escrito em 1951 e estava cheio de dicas e de conselhos para atingir o que parecia o inatingível: uma pessoa melhorar o seu estatuto social. O meu pai disse que deu por si a rir-se, mesmo ali na loja, ao ler algumas daquelas ideias do passado. Sendo uma peça interessante de cultura popular *vintage*, e sendo o meu pai quem é, comprou-o logo.

Durante muito tempo, o livro esteve no escritório dele (a «câmara de curiosidades»), na nossa casa em Brownsville, no estado do Texas. Estava a ganhar pó numa caixa de cartão, ensanduichado entre um capacete da I Guerra Mundial e uma caveira de pedra esculpida, originária de uma tribo mexicana.

Estava à espera de ser descoberto.

.....

Quis a sorte que o livro não desejasse continuar escondido. Quando os meus pais decidiram limpar o escritório do meu pai (pessoalmente, acho que a confusão ainda ficou pior),

a minha mãe abriu a caixa e redescobriu o livro da Betty Cornell. Não tinha a certeza do que fazer com ele e, por isso, passou-mo — isto é, passou-o para as mãos de Maya, a «Guardadora de Todas as Coisas Que Ninguém Quer, mas de Que Ninguém Se Desfaz».

Vi o *Guia de Popularidade para Adolescentes de Betty Cornell* como nada mais do que um livro excêntrico, com conselhos do género «Não uses maquilhagem nos olhos; em vez disso, usa vaselina», ou «Fecha os poros com cubos de gelo», ou «Todas as raparigas deviam usar cinta».

Tinha sido escrito por uma ex-modelo adolescente que garantia que, com um pequeno esforço, qualquer pessoa podia facilmente alcançar a graciosidade, o requinte e a popularidade.

Qualquer pessoa?

Quase me ri.

Foi então que a minha mãe teve uma ideia — uma ideia fantástica, aterradora, daquelas que ocorrem uma vez sem exemplo. «Maya, devias seguir esses conselhos durante este ano letivo e escrever sobre a experiência.»

A minha resposta imediata foi não. Não conseguia imaginar nada mais pavoroso. Desde quando é que eu sequer manifestara (publicamente) interesse em ser popular? A verdade, porém, é que, nesse dia, a minha mãe plantou uma semente. A sugestão dela foi como uma daquelas borbulhas que começam por ser minúsculas, às tantas estão enormes, e dão a impressão de que nunca vão desaparecer, por muitas vezes que as espremas.

Uns dias mais tarde, folheando o livro (mais uma vez), descobri isto:

## *Introdução*

*Só tornarás a situação pior se adotares uma atitude negativa, se encolheres os ombros e disseres: «Bem vistas as coisas, quem é que se importa?» Basicamente, há uma pessoa que, de facto, se importa. Tu importas-te. E importas-te porque, como toda a gente neste planeta, queres que gostem de ti, queres ser popular, queres ter uma vida social interessante. Queres ter um grupo de amigos com quem conviver, algumas saídas excitantes, e pelo menos um rapaz que acha que tu és a mulher mais espantosa à face da Terra. Se negares isto, só estás, de facto, a enganar-te a ti mesma. Podes ter a certeza de que não estás a enganar mais ninguém.*

Todo o universo se pôs em sentido.

O livro da Betty Cornell foi publicado há mais de sessenta anos, mas, não sei bem como, a toda esta distância espacial e temporal, ela viu o que eu, secretamente, desesperadamente mais desejava. Mais do que isso, ela prometia que me podia ajudar a alcançá-lo.

Soube que a minha vida nunca mais seria a mesma.

.....

E assim embarquei na minha grande experiência. Durante todos os meses deste ano letivo seguirei os conselhos que a Betty Cornell dá para um dos tópicos do livro dela: dieta, cabelo, maquilhagem, postura, atitude, entre outros. Mesmo que sejam embaraçosos ou complicados. Começarei primeiro pelos capítulos mais fáceis, pelos desafios em que as outras

pessoas não reparam logo. E depois, mês após mês, irei elevando a fasquia, até estar a anos-luz da minha zona de conforto.

Ao longo do dia, na escola, vou tomar notas de reações, pensamentos e de quaisquer coisas mais que aconteçam. Depois de chegar a casa, usarei essas notas para me lembrar dos pormenores e escreverei sobre o que se passou da maneira mais fiel que for capaz. Trata-se de um excelente exercício literário e talvez me ajude a alcançar o meu sonho, que é vir a ser escritora. Se tudo correr bem, este registo diário das coisas positivas e negativas que vão acontecendo tornar-me-á uma pessoa mais capaz, mostrando que coisas boas e más são, todas elas, parte de uma história que começou a escrever-se a si mesma. E talvez contribua para tornar as coisas menos assustadoras.

Não há dúvida de que tenho um desafio difícil pela frente. Se é que já não estou para lá de qualquer ajuda. Meço 1,57 m e tenho uma pele morena clara, que, volta e meia, fica cheia de acne. Tenho uma postura desengonçada, curvada e sou assim a atirar para o rechonchudo. As minhas ancas são inexistentes e o meu peito é quase tão liso como a capa do livro da Betty Cornell. Uso óculos e aparelho nos dentes. Compro todas as minhas roupas em supermercados e em lojas de coisas em segunda mão. Dedico mais tempo à álgebra do que ao meu cabelo.



Se calhar, devia parar aqui um momento para definir a palavra *popular* o melhor que for capaz. É uma palavra complicada. Sei o que não é. Não é não ter companhia, ou ser gozada. Não é sentir-me envergonhada da minha aparência e estar constantemente a querer esconder-me nos cantos, desejando poder desaparecer. Não é o que eu sinto neste momento.

Se tudo correr bem, quando chegar ao fim do 8.º ano, saberei o que é popularidade. Mas não só estarei em condições de a definir como também a terei experienciado.

Talvez as coisas mudem. Será que conselhos sobre popularidade com mais de meio século ainda podem ser relevantes? Hei de ver. Já aconteceram coisas mais incríveis, não é verdade? O homem andou sobre a Lua, e houve cientistas que descobriram uma maneira de cultivar melancias quadradas.

Neste momento, a Betty Cornell passou a ser a minha nova alma gémea, e eu estou casada com todas as palavras que ela escreveu. Para o melhor e para o pior.



*a. C. (antes de Cornell)*



*Setembro*

## PROBLEMAS COM A FIGURA

---

*Praticamente todas as adolescentes tiveram (...) problemas com a figura a dada altura da sua vida (...). A razão por que assim é tem que ver com, enquanto adolescente, o teu corpo estar ainda em estado de mudança — ainda não parou de crescer o suficiente para ter encontrado o seu equilíbrio natural (...). Mas só porque o teu corpo está em desassossego e se recusa a acalmar, isso não é razão para perder a esperança de ter uma boa figura. É tudo uma questão de o espírito vencer a matéria.*

Não sou nem bonita nem feia — estou na média. Não estou a queixar-me, acredita. Ao longo de toda a minha vida, sempre me dei por muito feliz por passar despercebida. Quando as

peessoas cruéis se esquecem de que eu existo, o mundo é um lugar muito mais sorridente. Mas, graças à Betty, as coisas mudaram. Agora, o meu objetivo é ser bem-sucedida, não apenas sobreviver. Desde pequenina que sempre tive uma *panza* (que é a palavra espanhola para barriga). Vai variando de tamanho, mas tem sido uma companheira constante ao longo dos anos. Quando andava na escola primária, os meus primos costumavam espetar o dedo no meu pneuzinho, o que levava quase sempre a que fosse enfiar-me no quarto a chorar, com um livro e uma tablete de chocolate. Escusado será dizer que os maus hábitos começam cedo.

No verão passado, cresci e fiquei mais alta, o que levou a que a minha *panza* diminuísse um bocadinho. É maravilhoso que as roupas me assentem melhor, mas não deixo de estar penosamente consciente do meu peso e da minha figura. No entanto, não estou sozinha neste sofrimento. Não consigo lembrar-me de uma única rapariga que eu conheça que esteja genuinamente satisfeita com o peso que tem. As Raparigas do Voleibol comem o mínimo humanamente possível, a ponto de quase não restar nada delas. E envergonham publicamente qualquer membro do grupo delas que apareça na escola com calças de gangas justas que deixem transparecer um refegozinho minúsculo. «A Valéria está gorda!», «A Valéria é gorda!», gritam.

Fora dos grupos que estão no topo da Escala de Popularedade, a maioria das pessoas da minha escola é mais a atirar para o gorducho. Creio que este aspeto acentua a diferença entre aqueles que estão no topo da hierarquia e aqueles que estão na base. E esta é outra das razões por que tenho de dizer adeus à minha *panza* de uma vez por todas. Ela não vai poder acompanhar-me na minha escalada até lá acima.

## *Problemas com a figura*

### *Quinta-feira, dia 1 de setembro*

Para me preparar para o primeiro mês da minha experiência, abri o livro desbotado pelo tempo. Sinto-me como se estivesse a embarcar numa grande viagem marítima. À medida que vou descendo o dedo pelo índice, rezo em silêncio para que não tenha o mesmo fim que o *Titanic*.



*A passar tempo com a Betty*

Leio o primeiro capítulo, «Problemas com a figura», e sublinho pontos-chave.

1. *Começa por perceber, de maneira inteligente, qual é o problema com a tua figura. Procura saber tudo sobre o teu corpo.*

Não é particularmente difícil. Ausência de ancas, ausência de seios, ausência de curvas. Quer dizer, ter curvas, até tenho, mas são curvas que começam no meio e crescem para os lados.

2. *Fala sempre com o teu médico antes de fazeres planos para emagrecer.*

Não constitui qualquer problema no meu caso. Há um ano, tive consulta com uma nova pediatra que me disse que eu estava «no limiar de ser considerada obesa». Este aviso doloroso e não factual dá-me agora a licença de que preciso para começar a fazer dieta.

3. *(...) é tão importante contar as calorias que comes entre refeições como as que comes às refeições. Na verdade, muitas de vocês nem precisariam de fazer dieta se cortassem no que petiscam entre refeições.*
4. *Há ainda que tomar em linha de conta todos os excessos que ocorrem quando se vai a festas, especialmente em reuniões do clube e em convívios e encontros em geral.*
5. *Se estás mesmo determinada a ter uma boa figura, tens de tomar o pequeno-almoço.*
6. *(...) comida frita, seja ela qual for, engorda.*

OK, isto é exequível. A Betty Cornell também inclui algumas ideias de ementas que hei de experimentar com toda a certeza. Ora bem, vou dar-me o fim de semana para me empanturrar com coisas proibidas e, então sim, começar a dieta na manhã de terça-feira, depois do fim de semana prolongado (segunda-feira, Dia do Trabalhador, é feriado<sup>1</sup>). Estou a fazer figas!

---

<sup>1</sup> Nos Estados Unidos, o Labor Day (Dia do Trabalhador) é sempre na primeira segunda-feira do mês de setembro. (NT)

*Sexta-feira, dia 2 de setembro*

Corro desenfreadamente. A carrinha da escola que nos leva de volta a casa pode arrancar a qualquer instante e eu não estou a bordo. Estão bem mais do que 32 °C na rua, e já tenho manchas de suor horrorosas a ver-se debaixo dos braços. Lindo.

Um dos seguranças exteriores da escola grita comigo, mas eu ignoro-o. Dado que vivemos na fronteira Texas/México, os seguranças estão aqui para assegurar que ninguém está a tentar passar drogas clandestinamente. Coisa que não estou. Por uma das janelas sujas da carrinha, vejo a Kenzie levantar as sobrancelhas na minha direção. O motorista parece não estar disposto a abrir as portas e resmunga em surdina qualquer coisa em espanhol quando eu entro na carrinha, a ofegar descontroladamente. Alguns alunos do 6.º ano riem-se.

— Uau, estás mesmo com ar de estúpida.

— Olá, Kenzie — digo eu, envergonhada. Afundo-me no lugar atrás do dela e tento alisar o meu rabo de cavalo todo eriçado.

— Porque é que estás a correr?

A última palavra é dita como se tivesse sido cuspidada. A Kenzie é metade coreana, tem uma personalidade tempestuosa, uma paixão por *heavy-metal* e um profundo desdém por quase todo o tipo de exercício físico.

— Tivemos de ser medidas para os fatos de concerto do coro.

A Prof.<sup>a</sup> Charles, que é a nossa diretora, passou o tempo todo a adivinhar os nossos tamanhos e a anunciá-los ao microfone. O tamanho que adivinhou no meu caso era muito acima do número que de facto visto. Fiquei a pensar se não devia ver nisto um sinal qualquer.

— Mais uma razão para dar graças por não estar nesse buraco infeto — diz a Kenzie com desprezo.

A Kenzie está na banda desde o 6.º ano, onde toca oboé. Hoje não traz o instrumento com ela. Deixou-o cair no corredor «acidentalmente» e o oboé «tás a ver, tipo, hum, coiso», estragou-se.

Vi a Kenzie pela primeira vez há dois anos, no primeiro dia de aulas. Estava sentada, sozinha, tinha um cinto com tachas pontiagudas e um cabelo eriçado, apanhado atrás num rabo de cavalo ameaçador. Só pensei: «Credo; espero que ela não me mate.» Pouco a pouco, as nossas aulas forçaram-nos a que nos juntássemos e depressa nos tornámos amigas, apesar de ser evidente que, em caso de luta, ela seria perfeitamente capaz de me fazer em picadinho. A Kenzie é muito boa onda, apesar da sua aura sombria. É o contrário de mim em todos os aspetos, mas é uma das poucas pessoas que não me fazem sentir que não pertença onde estou.

Perante as minhas feições hispânicas mas pele clara, os meus colegas perguntam-me se sou mexicana. Respondo que a minha mãe é metade mexicana, o que leva a que eu seja um quarto mexicana. Em bom rigor, a minha mãe é uma mistura de sangue inglês, francês, espanhol, judeu, índio mexicano e africano. Não sei bem como é que isto se classifica, mas na minha mãe a mistura é belíssima. No meu caso, como aluna de um agrupamento escolar que é noventa e oito por cento hispânico, dizem-me que não tenho quantidade suficiente do ADN certo para ser parte do grupo étnico latino. Ironicamente, para lá da fronteira, considero-me mexicana.

Talvez por a Kenzie ser metade coreana, eu não ser suficientemente mexicana e nenhuma das duas saber espanhol

## *Problemas com a figura*

suficiente para perguntar o caminho para a casa de banho, juntámo-nos por não nos enquadrarmos em mais lado nenhum.

Embora a Kenzie não seja o tipo de pessoa que faz batalhas de almofadas quando passa a noite em casa de uma amiga, sempre apreciei a franqueza dela. Se eu tiver um macaco no nariz, ela diz-mo. Se eu tiver o fecho das calças para baixo, ela diz-mo logo.

— Maya — está ela a dizer-me agora —, estás um caos. Tipo, mesmo.

Amigas destas são difíceis de arranjar.

Os do 6.º ano estão a olhar fixamente para nós, por cima das costas dos assentos, com os olhos grandes e espantados dos miúdos.

— Têm um ar tão inocente — comento eu.

Eles dão risadas com as suas vozes pré-púberes.

— Coisa que vai acabar em três tempos — diz a Kenzie com um sorriso malicioso. Vira-se para eles e berra despudoradamente um chorrilho de impropérios que inclui os nomes anatomicamente corretos de várias partes do corpo e respetivas funções biológicas.

Escondo a cara nas mãos. Tento censurá-la, mas a Kenzie está a rir-se tão alto que não consegue ouvir o que quer que seja.

Mesmo antes de chegarmos à paragem em que saio, um dos miúdos do 6.º ano vira-se para trás e cospe para cima de mim.

Primeira semana de aulas cumprida; infinitas por cumprir.

No entanto, este ano vai ser diferente. Este ano, tenho um plano.

.....

Abro a porta de casa.

— Olá, filhota! — soa a voz da minha mãe da cozinha.

Para minha surpresa, há uma caixa de bolinhos fritos de maçã na bancada. Reparo no autocolante amarelo berrante que diz *desconto de 60%*. Vejo ainda um saco de biscoitos rançosos e um pão de passas e canela. Têm todos o mesmo autocolante amarelo. E um número astronómico de calorias.

— Fui às compras sem ter tomado o pequeno-almoço — diz a minha mãe. — Ouvi dizer que isto influencia aquilo que se compra.

Abano solenemente a cabeça para cima e para baixo.

— Mas não foi grave — continuou a minha mãe. — Estava tudo com desconto.

A minha mãe tem uma paixão não propriamente secreta por comida.

— Podia ser pior — diz ela. — Podia ser uma alcoólica descontrolada ou uma cocainodependente.

Na maior parte das vezes, fica-se por comprar chocolates. Quando eu era pequena, costumava descobrir os esconderijos onde ela guardava os doces. Eram sempre sítios que nunca passariam pela cabeça do meu pai, como o armário onde guardamos as coisas das limpezas ou a gaveta dos legumes. Mas a minha mãe vai ao ginásio de segunda a sexta e está em excelente forma.

— Como foi o teu dia? — pergunta.

Baixo a cabeça. — Um miúdo do 6.º ano cuspiu-me em cima.

A minha mãe morde o lábio por consideração, para não desatar a rir.

— Nesse caso, ainda bem que vem aí o fim de semana, não é verdade?

## *Problemas com a figura*

Aceno que sim e tiro um bolinho frito de maçã do pacote. A Natalia, a minha irmã de cinco anos, autista, anda por ali cheia de migalhas na cara. É por de mais evidente que já comeu o dela.

— Despacha-te a comer, Maya — diz a minha mãe. — Não pode haver rasto destes bolinhos quando o teu pai chegar a casa.

.....

O meu pai mete a chave à porta cerca de uma hora mais tarde. Deixa cair os braços num gesto de derrota e anuncia em voz alta:

— Bom, somos, oficialmente, os Wagenen Gordos!

Está muito longe de ser o «Olá a todos!» ou o «Tive saudades vossas» habitual. O meu pai deve ter tido um dia difícil. A universidade está a braços com uma situação muito complicada, e estão a preparar-se para despedir professores.

— O que é que disseste? — A voz da minha mãe faz-se ouvir alto e bom som.

O meu irmão de nove anos, Brodie, agacha-se junto à porta de entrada, com uma banana na mão. Está de olhos bem abertos. O meu irmão é bastante suscetível no que toca ao tamanho dele e à velocidade com que as roupas deixam de lhe servir. É a vítima mais frequente dos sermões do meu pai sobre «Sabes (inserir nome), os hábitos alimentares que adquirimos em criança acompanham-nos toda a vida».

— Disse que somos oficialmente os Wagenen Gordos. Fui hoje ao médico e ele disse-me que tenho de perder algum peso. Temos todos de perder algum peso.

— Como?! — Agora, a minha mãe está mesmo zangada. Este é o tom de voz perigoso com que fala quando está a ponto de perder as estribeiras.

O plano de perda de peso do meu pai só pode dizer respeito a três membros da nossa família. Como disse anteriormente, a minha mãe faz exercício físico e a Natalia nunca para quieta, o que leva a que tenha os músculos das pernas duros como rochas.

Vou lá para cima para não ver os meus pais travarem uma discussão a meia-voz. O Brodie ficou espedado a olhar para a *panza* dele.

— Por amor de Deus — digo-lhe eu —, estás só a passar por uma fase mais gorducha. Também me aconteceu o mesmo quando tinha nove anos.

Opto por não dizer que a minha fase ainda não passou, mas não faz mal torcer um bocado a verdade quando o que se pretende é reforçar a autoestima.

Brodie faz um sorriso meio-convencido.

Talvez não calhe mal que eu vá começar a dieta da Betty Cornell na terça-feira. De certeza que esta minha decisão vai deixar o meu pai contente. Seja como for, não estou preparada para começar a assinar Maya «Gorda» Wagenen.

### *Segunda-feira, dia 5 de setembro*

*Muitas de vós trazem os almoços de casa, comprando apenas o leite na cafetaria. É uma boa maneira de evitar tentações — desta forma, nem sequer têm de se aproximar da enorme bancada onde se alinham os pratos deliciosos (...). Qualquer combinação de três ou quatro dos alimentos abaixo indicados resulta numa*

## *Problemas com a figura*

refeição saudável e, provavelmente, num almoço leve e fácil de transportar (...).

1. Ovos cozidos.
2. Um recipiente pequeno com requeijão ou queijo fresco.
3. Uma fatia de pão de trigo integral ou de pão de centeio (...).
4. Fruta fresca (podes comer imensa).
5. Sanduíche de queijo americano ou suíço, muita alface — sem maionese —, feita com pão de trigo integral ou de centeio.
6. Sanduíche com qualquer tipo de carne magra.
7. Consomé.
8. Leite.

Preparei o seguinte almoço para levar para a escola: meia sanduíche, puré de maçã e um ovo cozido. Não incluí nada de carnes porque sou vegetariana desde os oito anos, coisa que devo a *A Teia da Carlota*, ao meu periquito de estimação e a uma gastroenterite que me fez sofrer horrores.

Devo confessar que tenho sentimentos contraditórios quanto à dieta que vou começar amanhã. Se é verdade que estou entusiasmada com a perspectiva de emagrecer, também me sinto triste por dizer adeus a uma alimentação despreocupada. Esperemos que corra tudo bem!

## *Terça-feira, dia 6 de setembro*

É curioso que vivamos na fronteira mais meridional dos Estados Unidos, o epicentro da fantástica gastronomia mexicana, e que a cafetaria da nossa escola sirva refeições tão medíocres. A nossa cidade é um lugar de contradições.

Ironicamente, a cidade de Brownsville, no estado do Texas, é, tal como eu, um sítio que não encaixa em nenhuma categoria. Não é bem Estados Unidos, mas também não é bem México. O meu pai arranhou emprego aqui, na universidade, no verão anterior ao meu 6.º ano. Por isso, mudámos da costa oeste para este lugar que Brodie descreve como «A pastilha elástica que se colou à sola do sapato dos EUA». A escola que frequentamos fica do outro lado da rua da comunidade mais pobre do país, quando a comparação é feita com outras comunidades de igual dimensão. Ao longo da rua, há uma banca de *raspas* (cones de granizado), uma *panadería* (padaria), um consultório médico de aspeto altamente duvidoso, um bar de *tacos* e uma loja de pneus usados.

Mas o facto é que a comida compensa tudo o mais. Mesmo sendo vegetariana na terra das *fajitas*, nunca se esgotam os sabores e as cores vibrantes que tenho à minha disposição para experimentar. É verdade que nem tudo é aliciante. Na secção de talho da mercearia, podem comprar-se cabeças de porco e patas de galinha. O meu pai diz que até há uma maneira de fazer que os intestinos do porco saibam bem (em *tacos*, caso queiram saber). Se isto é possível, então devia haver maneira de os almoços servidos na escola cheirarem e saberem menos a plástico derretido.

Em dias como o de hoje, fico grata por trazer o meu almoço de casa. Enquanto mastigo palitos de cenoura crua, a voluptuosa e curvilínea Kenzie come dois biscoitos com pepitas de chocolate tamanho «jumbo», tal como faz todos os dias. Oh, como a invejo. Procuo ter presente o que diz a Betty.

## *Problemas com a figura*

*Se a perspectiva de um almoço sem uma sobremesa doce é demasiado horripilante para sequer conseguires imaginá-la, não terás hipóteses. Já permitiste que a tua gula mande mais do que o teu siso (...). Quanto às provocações vindas das tuas amigas, e, sim, elas vão provocar-te, queixo para cima e peso para baixo.*

### *Quarta-feira, dia 7 de setembro*

De manhã, a Kenzie e eu vamos até à biblioteca — «o Aquário», como lhe chamamos. A biblioteca deve esta alcunha às suas três paredes de vidro. Somos lá voluntárias da parte da manhã e à hora do almoço, que é uma forma de escapar à crueldade do mundo exterior. A nossa bibliotecária, a Dr.<sup>a</sup> Corbeil, é uma pessoa sem igual. Acolhe todos os Excluídos Sociais e fala connosco como se fôssemos adultos e merecedores da atenção dela, algo que a maioria de nós não encontra com frequência. Tem sentido de humor, é inteligente e anda de mota. Os professores vêm falar com ela sobre tudo e mais alguma coisa, desde equipamentos tecnológicos que não funcionam a crises de meia-idade. E compra livros novos com o seu próprio dinheiro, porque a escola reduziu o orçamento da biblioteca a quase zero. Por isso, não é de admirar que o Aquário seja um oásis, uma casa longe de casa.

A caminho da biblioteca, passamos pelo Prof. Lawrence, que vai coxeando corredor fora. Ele vê-me e sorri.

— Olá, Maya, como vão as coisas? Deixa-me dizer-te que sinto a tua falta nas minhas aulas deste ano.

Paro de andar.

— E eu sinto saudades de o ter como professor!

Conheci o Prof. Lawrence no 6.º ano, quando ele era o coordenador do clube literário da escola. Quando apareci no gabinete dele para o primeiro encontro do clube, perguntou-me se eu gostava de escrever. Respondi-lhe: «Não há nada de que goste mais.»



*Eu e o Prof. Lawrence, no 6.º ano*

O Prof. Lawrence submeteu histórias e poemas meus a concursos e enviou-os para o jornal local para serem publicados. Insistiu comigo para que eu entrasse em todos os concursos que apareciam, e escrevia *e-mails* às pessoas responsáveis semana atrás de semana para saber se os meus textos tinham sido aceites. Apesar de eu nem sempre ganhar, ele tinha orgulho em mim. Lia os meus textos a todas as turmas dele, aos outros professores, a quem quer

## *Problemas com a figura*

que o ouvisse. É o melhor professor que já tive. Mas está a envelhecer, e consigo perceber pelos seus olhos cansados e pela maneira como anda (de bengala, nos tempos que correm) que vai ter de se aposentar em breve. Só de pensar nisto dá-me vontade de chorar.

### *Sexta-feira, dia 9 de setembro*

*Se és uma dessas dorminhocas que não são capazes de sair da cama a tempo de tomar o pequeno-almoço, estás a começar o dia com o pé esquerdo (...). Tomar um bom pequeno-almoço pode não ser fácil a princípio. Mas, depois de algum treino, vais gostar de o fazer (...). E vais sentir-te muito melhor por o fazeres.*

As estatísticas governamentais mostram que noventa e seis por cento dos alunos do meu agrupamento escolar são «economicamente desfavorecidos». Por isso, toda a gente recebe pequeno-almoço e almoço gratuitos, quer tenha pedido para os ter quer não. Dantes, comíamos ambas as refeições na cafetaria, mas, este ano, os responsáveis pelo agrupamento decidiram que o pequeno-almoço seria servido nas salas de aula. O argumento deles é que se trata de garantir que toda a gente começa o dia de forma saudável, mas, olhando para o que nos é trazido, torna-se difícil acreditar nisso.

Os pequenos-almoços consistem em pacotes de cereais adoçados com açúcar, leite com chocolate e um pastel frito com recheio de carne — a Betty Cornell jamais aprovaria. Como uma torrada de pão integral e fruta enquanto os meus colegas se atiram aos *Lucky Charms*. Deixei de comer esta mistela de

flocos com pedaços de *marshmallows* coloridos há anos, depois de, um dia, as fezes do Brodie terem ficado com uma cor verde-fluorescente, pregando um susto de morte aos meus pais.

A seguir ao pequeno-almoço, a nossa turma vai ao Aquário. Faço-me útil, ajudando os meus colegas a requisitar livros. Quase me sinto popular.

E nisto, claro, o Carlos Sanchez, líder da Fação de Futebol Americano, aproxima-se no seu passo fanfarrão, com um sorriso malicioso na cara. É alto e, apesar de ser pouco musculoso, tem ar de quem sabe muito bem como se defender se houver zaragata. Usa o cabelo, que é curto e castanho-escuro, com uma franja puxada para a frente, tentando parecer que tem montes de estilo.

Passa-me um livro ilustrado, fininho, sobre corridas de automóveis e um romance intitulado *Gay-Neck*, galardoado com o Prémio Newbery, e com um pássaro na capa<sup>2</sup>.

— Gosto de carros — diz ele, como se isto explicasse tudo.  
— E este é um livro sobre pombos *gay*.

— Humm. — Reprimos o que me apetece dizer, que é «Ena, Carlos Sanchez, não sabia que te interessavas tanto por animais homossexuais». Em vez disso, entrego-lhe os livros e digo, em voz sumida, que têm de ser devolvidos até ao dia 23.

Ele afasta-se para se juntar aos companheiros de equipa, que se riem de todas as piadas patéticas que diz.

— Ei, vejam, é sobre um pombo *gay*.

---

<sup>2</sup> Trata-se do livro para crianças *Gay-Neck: The Story of a Pigeon*, escrito por Dhan Gopal Mukerji em 1927. Conta as aventuras de um pombo chamado *Pescoço Garrido*, que deve este nome ao facto de as penas do seu pescoço serem de cores alegres e vistosas. A medalha Newbery é um prémio que distingue anualmente a mais notável contribuição americana para a literatura infantil. (NT)